

QUESTÃO DA SAÚDE

Arlete x Tito Figueroa

Arlete Sampaio — Dr. Tito Figuerôa, na sua exposição anterior com relação à questão de saúde, o senhor dizia que não defende a estatização plena do setor saúde, que é um ponto de vista do qual discordo. Acho que a gente deve entender saúde como um direito do cidadão e um dever do Estado. Portanto, toda a assistência médica e sanitária deve ser estatizada. Então eu lhe perguntaria: o sr. que foi secretário de Saúde em Brasília e que, como secretário e presidente de Saúde em Brasília e que, como secretário e presidente da Fundação Hospitalar, gerenciou toda uma rede de serviços públicos, acredita que hoje a situação como está colocada, o mal funcionamento dos serviços públicos de saúde hoje, diz respeito a uma atitude intencional no sentido de viabilizar o crescimento da rede privada?

Tito Figuerôa: É o seguinte: sua pergunta tem várias facetas. Eu diria que na situação atual não se pode estatizar a medicina em função do que seria até um desalento para os novos profissionais que estão se formando, porque teria que ser eternamente um empregado do Governo com um salário vil. Então ele tem que ter uma oportunidade, certo? Eu estou fazendo essa conceituação na situação atual. Agora, o dia em que o Estado se

dispuser a pagar salários condignos, justos, aí a minha conceituação tem uma variável. Diria também à **dr^a Arlete** o seguinte: com relação à minha passagem pela Secretaria de Saúde, eu tive a gratificante oportunidade de dialogar com todos os sindicatos, e aqui eu faço um pleito de gratidão a quem foi o meu chefe, o coronel Ornellas era o governador. Com pleno conhecimento dele eu dizia que ia dialogar e me sai muito bem dialogando, e aprendi muito.

Com relação a situação atual da saúde, diria até do Brasil, é péssima, mas tudo em função de recursos. Recursos para se pagar os profissionais da área de saúde, para poder se reciclar o pessoal, porque a saúde é investimento, e eu me lembro que um dia eu de tanto pedir dinheiro — o governador pedia ao presidente e eu pedia a ele — eu disse: governador é o seguinte (e aí está o âmago da questão): — Vamos admitir que o senhor foi a uma solenidade e bateu o dedo na porta do carro. Como o senhor é governador vamos pedir para fazer uma chapa. O aparelho é da Siemens e da Phillips, a chapa é da Kodak, aí não precisou; passou-se um mercúrio cromo que é da Lilly e se botou um gesso da Johnson. Então, estamos nas mãos das multinacionais. A Ceme é uma mentira nacional e sem

concorrente. Então, eu fiz esse exemplo para sensibilizar o governador, e ele disse: — não adianta. Eu diria mais, para complementar: o âmago da questão é que nós temos que importar tecnologia, nós temos que ter autonomia e faço questão de dizer isso: a Ceme é a maior mentira nacional, ela não fabrica nada. A Ceme compra seus produtos desses mesmos laboratórios, e lá mesmo são empacotados. A situação da saúde é difícil, é complexa, mas só com muitos recursos para que tudo possa ser solucionado.

Arlete Sampaio — A minha única divergência da resposta dada pelo dr. Tito Figuerôa é que eu não acredito haver incompatibilidade entre um sistema único de saúde hierarquizado, regionalizado, estatizado e as condições de trabalho dos profissionais de saúde. Eu acho que não existe esta incompatibilidade, é possível compatibilizar desde que haja vontade política dos governantes. E por isso que a gente defende essa proposta no Congresso Constituinte, acreditando que diz respeito a uma redistribuição do orçamento do Governo Federal. E a gente vai reivindicar que uma parte substancial desse orçamento seja dirigida às obras sociais. Particularmente para a área de saúde.